QUADERNS D'ANIMACIÓ I EDUCACIÓ SOCIAL
REVISTA SEMESTRAL PARA ANIMADOR@S Y EDUCADOR@S SOCIALES

TOCAR E SER TOCADO: POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÕES ARTÍSTICAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Prof. Dr. João Porto
Professor do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo / Tutor do Programa de Educação Tutorial – PET Conexões Licenciaturas.

Rosely Kumm
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes – PPGA
Pesquisadora do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes – LEENA
Universidade Federal do Espírito Santo

João Victor Silva Fernandes
Doutorando Programa de Pós-graduação em Artes – PPGA
Pesquisador do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes – LEENA
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO:
O presente artigo discute a acessibilidade para pessoas com deficiência visual como um processo contínuo de democratização no campo das artes e da cultura, compreendendo-a não apenas como um conjunto de recursos técnicos, mas como prática estética, ética e política voltada à ampliação da participação e da autonomia dos sujeitos. Para pessoas cegas ou com baixa visão, a experiência tátil constitui uma via de acesso ao mundo físico que contribui para a construção cognitiva e

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

espacial. Diante disso, serão apresentadas iniciativas institucionais e poéticas individuais de artistas, explorando o papel da arte como instrumento de inclusão e valorização da diversidade. Assim, o artigo evidencia como práticas de medição artística podem ser acessíveis e inclusivas, contribuindo para a construção de um campo cultural mais sensível às diferenças e comprometido com a equidade social.

PALAVRAS-CHAVE:

Acessibilidade; arte inclusiva; democratização cultural; multissensorialidade; diversidade.

ABSTRACT.

This article discusses accessibility for people with visual impairments as an ongoing process of democratization in the fields of art and culture. It understands accessibility not merely as a set of technical resources, but as an aesthetic, ethical, and political practice aimed at expanding participation and individual autonomy. For blind and low-vision individuals, tactile experience serves as a pathway to the physical world, contributing to cognitive and spatial construction. In this context, both institutional initiatives and individual poetic practices by artists are presented, exploring the role of art as an instrument of inclusion and appreciation of diversity. Thus, the article highlights how accessible and inclusive artistic mediation practices can contribute to building a cultural field that is more sensitive to differences and committed to social equity.

KEYWORDS.

Accessibility; inclusive art; cultural democratization; multisensoriality; diversity.

1. INTRODUÇÃO

Promover acessibilidade é um ato de coparticipação na busca pela cidadania e pelo retorno à linha de direito e pertencimento social. Essa promoção significa mais do que facilitar o acesso físico e material a um bem ou serviço; abrange uma ampla gama de possibilidades que vai além das rampas, barras, piso tátil direcional ou de alerta, entre outros, implicando um compromisso social,

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

coletivo e comunitário em garantir que todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, sensoriais ou cognitivas – que também afetam suas condições sociais –, tenham as mesmas oportunidades de usufruir dos bens culturais, dos espaços públicos e dos serviços que compõem o ambiente urbano. Pensar e praticar a acessibilidade social e inclusiva ultrapassa a mera adaptação de infraestruturas; trata-se de promover uma inclusão plena, permitindo que cada pessoa participe com autonomia e independência da vida social e cultural como um direito (Mantoan, 2003). Nesse ínterim, a acessibilidade estende-se também aos campos da Arte e da Cultura, os quais podemos considerar como um direito à experiência estética, sendo dimensões fundamentais para o pertencimento social e que possibilitam a elaboração, construção e manutenção das identidades, das sensibilidades e das subjetividades, bem como o fortalecimento desse pertencimento.

Quando pensada no âmbito da Arte e da Cultura, a acessibilidade revela-se como um processo contínuo de democratização, no qual o ato de acolher expressões artísticas diversas transforma-se em processo de autonomia, sendo uma prática estética e ética comprometida com a pluralidade dos modos de perceber, perceber-se, sentir e ser-sendo na vida cultural (Somera, 2008). Nesse sentido, propostas artísticas que promovem experiências sensíveis, considerando as transmetodologias que permeiam a Cultura Visual, estimulam o diálogo, a expressão e o reconhecimento da individualidade na coletividade. Como artistas, professores e artistas-professores, ao ampliar o acesso aos espaços culturais e às linguagens artísticas, contribui-se para a construção do direito de pertencimento social, cultural e artístico com base na inclusão, em que a diversidade não é apenas representada, mas efetivamente vivenciada como valor constitutivo da criação e da fruição artística.

Mesmo com a ampliação das políticas públicas e ações afirmativas voltadas à garantia dos direitos da pessoa com deficiência pela Lei nº 13.146 (Brasil, 2015), as pessoas com deficiência - e aqui destacamos a pessoa com deficiência visual - ainda enfrentam inúmeros desafios para sua inclusão na vida e nos ambientes culturais e artísticos. Um exemplo que evidencia essa questão pode ser

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

observado nos dados do módulo "Pessoas com Deficiência" da Pnad Contínua, divulgados pelo IBGE (Brasil, 2023), revelando que, no Brasil, cerca de 18,6 milhões de pessoas com dois ou mais anos possuem algum tipo de deficiência, quase 10% da população total do país, ou seja, um contingente significativo da população brasileira. Entretanto, ainda é pouco comum presenciar esses indivíduos ocupando os palcos em apresentações de dança e música, visitando galerias, tendo seus ateliês patrocinados, sendo responsáveis pela criação de obras presentes em exposições ou mesmo simplesmente percorrendo os espaços de museus, teatros e casas de espetáculos a fim de explorar e usufruir das produções que compõem o cenário artístico-cultural brasileiro.

Uma vez que essas ações afirmativas se tornam direitos legais da pessoa com deficiência usufruir plenamente dos espaços culturais - sendo artista, mediador ou espectador -, seria dever desses mesmos espaços adaptarem-se às necessidades dessas pessoas, buscando oferecer-lhes acesso total não só ao espaço físico, mas também aos seus bens culturais? Para Sandra Meyer Nunes (2005), as dificuldades da pessoa com deficiência em adentrar o circuito cultural e a produção artística não se limitam às desconsiderações arquitetônicas que dificultam a entrada e permanência nos espaços de Arte, como museus e teatros, mas envolvem também a educação estética e o acesso à informação artística desde cedo, a partir de um currículo escolar e de ações em espaços não escolarizados para a formação de sujeitos culturais. Para tanto, são necessários recursos não apenas financeiros, mas metodológicos e educativos que permitam a acessibilidade e a permanência nesses espaços.

O desenvolvimento de práticas artísticas multissensoriais, conduzidas por profissionais da Arte, como arte-educadores, professores de Arte e mediadores culturais, pode desempenhar um papel importante no estímulo às habilidades e expressões de pessoas com deficiência. Como aponta a pesquisadora Sara Vasconcelos Cruz, a experiência estética pode ser vivenciada por meio de todo o corpo, respeitando as distintas formas de percepção sensorial. Destarte, Cruz (2017) destaca que "a percepção sensorial permite que haja uma ampliação do contato com a obra de arte, que acrescenta

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

ao seu apelo visual percepções táteis, olfativas, sonoras e gustativas" (Cruz, 2017, p. 45), o que contribui para uma vivência mais inclusiva, sensível e plural da Arte.

Conforme Viktor Lowenfeld (1997), o indivíduo aprende por meio dos sentidos. A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona os meios pelos quais se realiza uma interação sensível entre o sujeito e o ambiente. Logo, a experiência de fruição e recepção da Arte pode percorrer todo o corpo, respeitando as diferentes maneiras de perceber uma obra pelos sentidos. Embora o autor tenha se concentrado especialmente nos processos de aprendizagem da criança, sua pesquisa torna-se relevante para este estudo ao sublinhar a importância do desenvolvimento cognitivo no ato criativo, um ato de todos os sentidos. Para Lowenfeld (1997), o pensamento, o sentimento e a percepção devem ser igualmente estimulados para que a criança possa explorar e desenvolver todo o seu potencial criador. Ele defende também que a criança cria com base no conhecimento que possui, mas reconhece que o próprio ato de criar pode proporcionar novos insights, perspectivas e maior compreensão para suas ações futuras. Argumenta que o crescimento mental é impulsionado pelas interações ricas e variadas entre o ser humano e seu ambiente, sendo essa relação fundamental para qualquer experiência artística. Segundo o autor:

> "A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformular esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora." (Lowenfeld, 1997, p. 13).

A Arte, nesse contexto, concentra-se no desenvolvimento de sensibilidades criadoras que se constituem em um meio de expressão para a comunicação do pensamento. Para pessoas com deficiência visual, por exemplo, a Arte pode ser parte de sua reinterpretação e adaptação ao

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

cotidiano. Essa perspectiva abre caminhos para práticas artísticas mais inclusivas e sensíveis às necessidades de cada indivíduo, consolidando-se como uma ponte entre a diversidade e a unidade da experiência humana. Diante disso, este artigo busca explorar as possibilidades de mediação artística voltadas para pessoas com deficiência visual, destacando propostas desenvolvidas por museus e galerias de Arte no Brasil e no exterior, além da pesquisa artística de um artista capixaba que, em sua poética, também busca desenvolver ações para envolver o público de pessoas com deficiência visual. O objetivo desta pesquisa, de abordagem qualitativa, é aprofundar o entendimento sobre a importância do acesso sensorial – que reverbera em um acesso cognitivo – para pessoas com deficiência visual, propondo práticas mais inclusivas e conscientes, de modo que a Arte se torne um veículo de comunicação, emancipação, pertencimento, autonomia e desenvolvimento pessoal, promovendo um ambiente artístico plural, que valorize a diversidade e amplie os horizontes da percepção humana sobre as diferenças, inclusive das pessoas ditas "sem" deficiência.

1.1 Deixar ser tocado: fruição de práticas artísticas para além do campo visual.

Segundo a pesquisadora Naíra Santos Rocha (2010), a deficiência visual divide-se em dois grupos: a cegueira, caracterizada pela ausência total da visão; e a baixa visão, definida pela diminuição do funcionamento visual, podendo variar do nível leve ao profundo. Além disso, a deficiência visual pode ser adquirida ou congênita. Na adquirida, o indivíduo perde a visão em algum momento da vida, decorrente de doença, acidente ou outras causas; contudo, esse indivíduo tem a vantagem de possuir imagens previamente formadas na consciência, o que auxilia sua adaptação à ausência de visão. Nesses casos, sua imaginação funciona como aliada nessa nova vivência. Já a deficiência congênita refere-se à condição na qual o indivíduo nasce sem ver e, portanto, não possui noções básicas de percepção como cores, imagens e ações corporais.

Diante desse contexto, falar de deficiência ainda é, inevitavelmente, falar de estigmas construídos socialmente, que moldam a forma como o outro é percebido e tratado. Concomitantemente, a

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

pesquisadora Márcia Moraes, em parceria com Ronald João Jacques Arendt (2011), convida-nos a refletir criticamente sobre a maneira como a deficiência é socialmente condicionada, destacando os modos pelos quais se constituem estereótipos sobre a cegueira, resultando, frequentemente, na marginalização e exclusão - real e/ou simbólica. Segundo os autores (Idem), uma pessoa com deficiência visual, sob uma perspectiva social, é imediatamente associada ao "fracasso" de não enxergar e, portanto, de não se adequar aos padrões estabelecidos. Raramente se considera que talvez os chamados "eficientes" sejam, na verdade, os que fracassam ao não conseguir encontrar alternativas efetivas para integrar a pessoa com deficiência visual ao universo social. Assim, a pesquisa de Arendt e Moraes (2011) revela que o corpo dito "normal" é visto como autossuficiente, desvinculado de condições materiais para agir ou se expressar, enquanto o corpo com deficiência é constantemente lembrado de sua suposta insuficiência.

Esse "fracasso" inclusivo dos "eficientes" pode ser observado nas práticas artísticas que, historicamente, foram concebidas e organizadas sob uma lógica predominantemente visual, silenciando outras formas de conhecer, sentir e fruir a Arte por meio de diferentes sentidos. Ao longo da história, a Arte foi concebida como um produto ligado à experiência humana voltado principalmente ao deleite e à apreciação visual, como se um objeto escultórico, um mural ou outra intervenção urbana no espaço público, por exemplo, fossem considerados Arte apenas pelo uso adequado de técnicas e representações miméticas da natureza. Assim, até recentemente, negou-se à pessoa com deficiência visual a possibilidade de compreender e experienciar a Arte de forma plena, sensível e significativa, restringindo seu acesso à produção cultural e limitando suas possibilidades de expressão e pertencimento nesse campo.

Essa perspectiva se transforma com as novas narrativas propostas pela Cultura Visual e pela Arte Contemporânea, que elucidam a possibilidade de relacionar a experiência estética à experiência sensorial humana (Rogoff, 1998), ou seja, encontrar Arte no cotidiano, por meio de experiências sensíveis, individuais e multissensoriais. Diante desse cenário, torna-se fundamental repensar concepções de Arte e de Arte-Educação que privilegiem a multiplicidade de formas de perceber,

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

sentir e criar o mundo. Segundo John Dewey (2010), a experiência é uma troca consciente entre o indivíduo e o mundo e nasce do cotidiano.

Tudo se inicia pelas sensações absorvidas pelo indivíduo, que percebe sobre si e sobre o ambiente em que se encontra. Segundo Cruz (2017), a sensação pode ser compreendida como a capacidade do corpo de captar e decodificar estímulos físicos e químicos provenientes do ambiente. Ainda, para a autora, "tais estímulos desencadeiam percepções sensoriais que se articulam com a memória e os processos cognitivos, contribuindo para a formação dos conceitos que o sujeito desenvolve sobre si e sobre o contexto em que está inserido" (Cruz, 2017, p. 95). Sobre os sentidos, Dewey (2010) complementa:

> "O 'sentido' abarca uma vasta gama de conteúdos: o sensorial, o sensacional, o sensível, o sensato e o sentimental, junto com o sensual. Inclui quase tudo, desde o choque físico e emocional cru até o sentido em si - ou seja, o significado das coisas presentes na experiência imediata. Cada termo se refere a uma fase ou aspecto real da vida de uma criatura orgânica, tal como a vida ocorre através dos órgãos sensoriais." (Dewey, 2010, p. 88).

Para pessoas cegas, a experiência tátil constitui uma via de acesso ao mundo físico que contribui para a construção cognitiva e espacial. O tato exige contato direto com os objetos, implicando uma dinâmica de exploração progressiva e fragmentada. Conforme a pesquisadora Kastrup (2015), diferentemente da visão - que permite captar uma imagem de modo instantâneo e global - a percepção tátil se desenvolve em etapas, exigindo tempo e movimento para a assimilação das formas, volumes e texturas. Essa característica confere à percepção háptica uma temporalidade própria, mais lenta e contínua, na qual cada gesto - tocar, segurar, apalpar - contribui para a formação gradual da imagem mental do objeto. O tato, assim, possui um campo perceptivo que abrange os movimentos dos dedos, mãos e braços, resultando na constituição de um sistema tátil-cinestésico, no qual componentes perceptivos e motores encontram-se profundamente imbricados. Além disso, desempenha papel essencial no reconhecimento de referências espaciais, auxiliando no

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

deslocamento e na orientação no ambiente.

Na Fenomenologia da Percepção, especialmente na obra de Maurice Merleau-Ponty (2006), o corpo é compreendido como consciente e como fonte de conhecimento que se articula com a mente por meio dos cinco sentidos, em um processo de recepção e interação ativa e integral do sujeito com o mundo. Assim, o conhecimento é construído a partir das experiências sensíveis, nas quais o corpo é o mediador essencial. Segundo o autor:

> "Dado o mundo objetivo, admite-se que ele confia aos órgãos dos sentidos mensagens que devem então ser conduzidas, depois decifradas, de modo a reproduzir em nós o texto original. Donde, em princípio, uma correspondência pontual e uma conexão constante entre o estímulo e a percepção elementar" (Merleau-Ponty, 2006, p. 29).

Para a pesquisadora Elcie Salzano Masini (1994), a contribuição da Fenomenologia de Merleau-Ponty é fundamental para compreender a pessoa com deficiência, pois, diferente das teorias de desenvolvimento e aprendizagem baseadas na separação entre mente e corpo, aqui o conhecimento parte do corpo e de suas experiências sensoriais. De acordo com Masini, é o corpo quem primeiro se sensibiliza, e essa sensibilidade inicial é fundamental para o processo de conhecimento. A autora destaca que, historicamente, a educação e a própria concepção de "conhecer" têm sido amplamente vinculadas ao ato de "ver", uma vez que, na civilização ocidental, a visão é considerada a principal via de acesso ao conhecimento. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que diversas práticas educacionais e sociais se apegam somente àquilo que é visual, limitando a plena valorização de outras formas de percepção e compreensão do mundo.

Ao discorrermos sobre experiências estéticas - especialmente as artísticas - referimo-nos a processos relacionais nos quais o encontro com o mundo, com o outro e com a sensibilidade ocorre por meio de diversas linguagens expressivas. A experiência estética, vivenciada em contato com a obra de arte, afeta não só visualmente o indivíduo, mas também opera como uma troca sensorial entre a obra e o meio. Dessa forma, propostas artísticas multissensoriais têm se mostrado

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

relevantes ao ampliar o acesso e a participação de públicos diversos, sobretudo no campo da educação inclusiva.

1.2 Permitir tocar e tocar o outro: propostas artísticas multissensoriais que permitem o acesso

Ao considerar os diferentes canais perceptivos, como o tato, a audição e o olfato, tais práticas artísticas e educativas, proporcionam experiências mais sensíveis e significativas. O tato, por exemplo, envolve contato, articulação, propriocepção, movimento e ritmo. A leitura tátil não é imediata, como a leitura visual. A percepção tátil requer a leitura de outros elementos sensoriais como relevos, texturas, temperaturas e mesmo os sons, pois a percepção auditiva é associada ao som emitido pelos elementos físicos, como o papel, o plástico, ou elementos naturais.

É importante destacar que a leitura tátil atravessa caminhos diferentes até ser decodificada pelo cérebro. Para uma pessoa que enxerga, um objeto pode sugerir simultaneamente noções de tamanho, textura e movimento, entre outras propriedades, sem que seja necessário tocá-lo. A percepção, portanto, se expande incorporando outras dimensões sensoriais, construindo uma compreensão holística do ambiente. Para pessoas deficientes visuais, estas informações chegam por outros sentidos como o tato, o som, o cheiro e pela experiência que soma destes sentidos. Nesse contexto, é preciso dar tempo para que o leitor tátil possa encontrar significado às imagens em relevo. A pesquisadora brasileira Catherine Teixeira Marcon (2021) aponta em seus estudos o uso da modelagem e impressão 3D, uma aliada para o desenvolvimento de modelos táteis multissensoriais, que possibilita, por exemplo, a reprodução tátil e serializadas de obras de arte, monumentos e elementos arquitetônicos (Marcon, 2021).

A existência desses modelos, facilmente reprodutíveis, possibilita a aproximação de pessoas com deficiência à arte e ao patrimônio cultural, por meio da exploração tátil e da mediação sensorial (Marcon, 2021). A título de ilustração, a autora também destaca em sua pesquisa exemplos de espaços expositivos em museus que oferecem cópias impressas em 3D nas quais os usuários

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

podem realizar a percepção háptica. Um desses exemplos é o Museu do Prado em Madri, que dispõe de réplicas de seis pinturas famosas, e o Museu Tactual em Atenas[1], "que é destinado principalmente aos visitantes cegos, oferecendo peças originais, cópias de obras e peças renomadas" (Marcon, 2021, p. 43). Além de promover a inclusão, essas experiências tecnológicas também estimulam a curiosidade, o vínculo afetivo com o território e a construção de novos sentidos a partir do corpo em interação com o espaço. Assim, ao integrar arte, tecnologia e acessibilidade, essas propostas revelam o potencial transformador da Arte como ferramenta educativa e social.

De forma semelhante, a Pinacoteca do estado de São Paulo desenvolveu o "Programa Educativo para Pessoas com Deficiência", que oferece visitas guiadas adaptadas, oficinas acessíveis e recursos multissensoriais voltados a diferentes tipos de deficiência. A pesquisadora Larissa Foronda (2022) destaca que este programa busca promover o acesso de grupos de pessoas com deficiências sensoriais, físicas, intelectuais e em situação de sofrimento psíquico ao acervo da Pinacoteca, por meio de uma série de abordagens e recursos multissensoriais. As visitas educativas são realizadas por educadores especializados, inclusive em Libras – Língua Brasileira de Sinais, por uma educadora surda. O Programa Educativo para Pessoas com Deficiência (PEPCD) também realiza cursos de formação para profissionais interessados em usar a arte e o patrimônio como recursos inclusivos e desenvolve publicações para o público com deficiência visual e auditiva (Foronda, 2022).

Conforme Foronda, o Programa conta com a Galeria Tátil de Esculturas Brasileiras e com um vídeo-guia para o público surdo. Esta é uma proposta desenvolvida para garantir a autonomia de visitação ao público com deficiência visual ou auditiva. É composta por 12 esculturas brasileiras feitas em bronze, cujo percurso de visitação é orientado por um piso tátil, que permite e indica um

[1]O Museu Tátil, único na Grécia e um dos cinco museus do gênero no mundo, oferece oportunidades iguais a visitantes cegos ou com baixa visão, da Grécia ou do exterior, de perceber a magnitude e a riqueza de nossa herança cultural por meio do tato. Disponível em: https://tactualmuseum.gr/en/.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

caminho para a exploração das obras que se encontram nesta galeria. A Galeria Tátil, junto com demais propostas inclusivas do acervo da Pinacoteca, está disponíveis para visitação por meio de agendamento prévio.

Ampliando essa reflexão sobre Arte e acessibilidade desenvolvidos por instituições no exterior como o Museu do Prado, o Museu Táctual de Atenas e, de maneira semelhante a Pinacoteca do Estado de São Paulo, destacamos a pesquisa artística do capixaba Dejair Paulo, cuja sua atuação foca em ações afirmativas para inclusão de identidades diaspóricas. A poética de Dejair Paulo emerge criando um território de resistência ligado à memória, no qual o corpo assume papel central na experiência estética. Essa abordagem dialoga profundamente com identidades historicamente invisibilizadas como povos originários, comunidades de terreiro, pessoas pretas, com deficiência e LGBTQIAPN+, que encontram em sua obra um espaço de reconhecimento e enunciação. Em suas ações afirmativas voltadas à população preta, Dejair Paulo busca tensionar as narrativas hegemônicas que historicamente silenciaram corpos e vozes negras, promovendo espaços de visibilidade e valorização das ancestralidades afro-brasileiras. Essa dimensão sensível da sua poética busca restituir à população preta o direito de narrar e sentir o próprio corpo no mundo, não como objeto de representação, mas como sujeito de criação.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.



Figura 1: Imagem de divulgação da abertura da exposição no Museu da Ilha das Caieiras. 2024. Fonte: https://vitoria.es.gov.br/noticia/museu-da-ilha-das-caieiras-recebe-exposicao-de-dejair-paulo-50408.

O artista também desenvolve propostas táteis e multissensoriais que são concebidas como estratégias de inclusão, podendo ser mediadas de maneira especial com pessoas deficientes visuais, permitindo que a percepção da Arte se expanda para além do olhar e alcance dimensões sinestésicas e afetivas. Ao valorizar o toque, o som, a textura e o movimento, o artista desafia a hegemonia da visão na fruição estética e propõe um deslocamento epistemológico: sentir é também uma forma de conhecer. Assim, Dejair Paulo constrói uma Arte que é, ao mesmo tempo, política e sensível, um convite à escuta das diferenças e à reconstrução do sensível como território de pertencimento e cidadania.

Na exposição "Bicho da Seda: lãs, fios e linhas para compor uma imagem" o artista explora possibilidades sensoriais para refletir sobre a diversidade da arte têxtil em suas mais diferentes técnicas e formas. Depois da mostrar no espaço físico do Museu Vale, atualmente, a exposição é

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

uma mostra virtual proporcionada pelo próprio Museu com trabalhos que transitam, conforme o suporte, por diversas técnicas para o uso das linhas, como a tapeçaria, bordado, feltragem, ponto russo, ponto cruz, patchwork, tricô, crochê, macramê, strings e costura. As obras buscam apresentar, a partir da experiência de afeto do ambiente doméstico de costura e bordado, entre outras questões, a construção identitária afrodescendente.



Figura 2: "Re-existir"; suporte de madeira na qual pregos foram afixados para acomodar fios de lã. A linha, ao ser transpassada pelos pregos da forma a imagem de uma pessoa com cabelos crespos ou cacheados. Fonte: https://museuvale.org/2023/11/30/bicho-da-seda-las-fios-e-linhas-para-compor-uma-imagem-mostra-virtual-de-dejair-paulo-da-silva-2/.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

Em abril de 2025 a Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo recebeu a exposição "Arte em Braile", na qual o artista Dejair Paulo propôs uma abordagem inovadora na apreciação artística voltada para pessoas com deficiência visual. Cada obra da exposição foi especialmente desenvolvida pelo artista para proporcionar uma vivência tátil significativa, acompanhada de descrições em braile, que exploram texturas e transmitem o significado poético das composições. Mais do que uma exposição, "Arte em Braile" configurou-se como um gesto político e poético de democratização da experiência estética.



Figura 3: Vista parcial da disposição dos tablados da exposição no espaço da Biblioteca Central da Ufes. 2025. Fonte: arquivo da pesquisa.

Ao possibilitar o acesso por meio do tato, Dejair Paulo desloca a visualidade como centro da fruição artística e instaura outras formas de perceber e se relacionar com a Arte, reconhecendo o corpo como território de conhecimento e de memória. Nessa perspectiva, o toque torna-se linguagem e mediação, ampliando o alcance da arte a públicos historicamente excluídos dos espaços culturais. As obras dessa exposição apresentam texturas e relevos de materiais diversos, além de oferecer algumas peças táteis, desenvolvidas com tecnologia 3D. Essa proposta dialoga

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

com a concepção de John Dewey (2010), para quem a arte é uma experiência integral, vivida em sua dimensão sensível e social, na qual o espectador deixa de ser mero observador para tornar-se participante ativo do processo estético. Sendo fiel a sua poética artística, as obras evocam referências à cultura afro-brasileira e à ancestralidade negra, reafirmando o compromisso do artista com a valorização das identidades plurais e com o enfrentamento das estruturas que produzem invisibilidade. A exposição busca levar o público a refletir sobre a diversidade que compõe nossa sociedade e a importância de exprimir a individualidade, um ato de respeito próprio e ao outro.

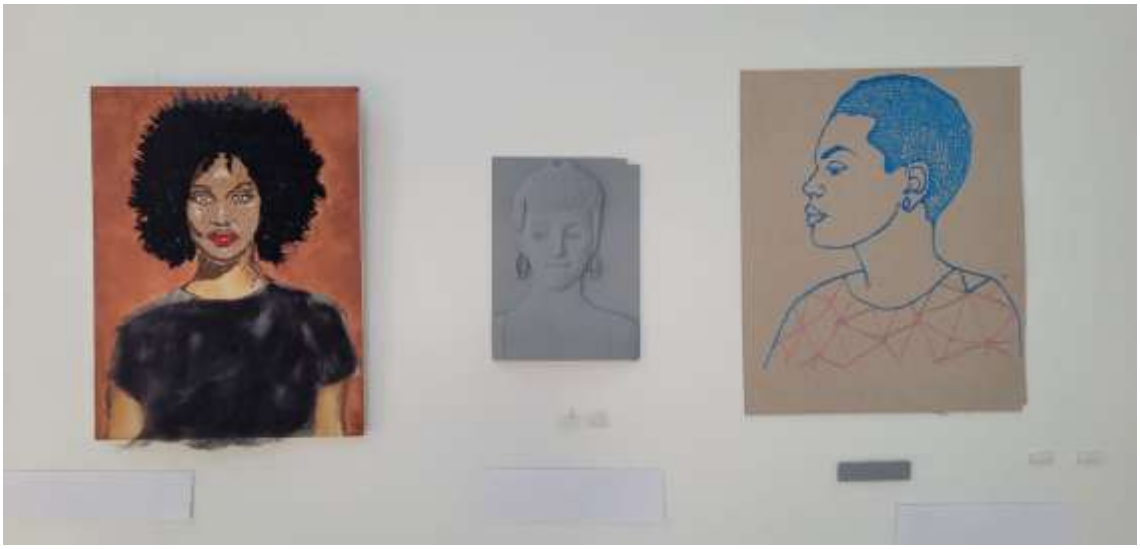


Figura 4: Da esquerda para a direita: "Olhar"; técnica mista com pintura, aplicação e bordado com ponto russo. "Interior"; peça tátil em alto relevo, modelada e impressão com tecnologia 3D. "Ancestralidade"; técnica mista com bordado e costura. Fonte: arquivo da pesquisa.

1.3 Considerações finais

No contexto artístico, a apreensão sensorial permite a pessoa deficiente visual interagir com obras por meio da exploração tátil, revelando dimensões estéticas que se manifestam pela materialidade e pelo contato direto com a arte, numa experiência sensível distinta, porém igualmente legítima e significativa. Conforme Foronda, quando o museu/galeria, ou como destacado neste artigo, o

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

próprio artista, desenvolvem propostas que ofereçam protagonismo e autonomia ao público com deficiência, diminuindo os obstáculos para que exista a fruição efetiva de acervos e coleções dispostas numa exposição (Foronda, 2022). Promover acessibilidade no campo das Artes e da cultura ultrapassa a dimensão instrumental e se afirma como um compromisso ético e estético com a diversidade humana

A percepção e fruição da Aarte por pessoas com deficiência visual está profundamente enraizados na exploração háptica, que consiste na interação ativa com os objetos por meio do tato e do movimento. Assim, o tato não opera isoladamente, mas articula uma rede de informações corporais e ambientais que contribuem para a formação de imagens mentais complexas. No campo artístico, essa capacidade permite à pessoa cega apreender obras por meio de suas qualidades táteis e estruturais, criando um entendimento sensível que transcende a visão e valoriza outros modos de percepção estética.

Nesse sentido, as experiências até aqui analisadas demonstram que práticas artísticas acessíveis não apenas ampliam o acesso de pessoas com deficiência visual, mas também transformam as formas de produção, fruição e mediação cultural, promovendo novos modos de perceber e significar o mundo. Ao reconhecer o potencial criativo das diferenças, reafirma-se a necessidade de políticas culturais e educacionais que consolidem a acessibilidade como princípio estruturante das instituições artísticas, fortalecendo, assim, um horizonte de equidade, participação e pluralidade no campo cultural contemporâneo.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

Referências:

Estatuto Brasileiro da Pessoa com Deficiência (2015). *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

Cruz, S. V. (2017). *Travessia dos sentidos: estratégias de mediação multissensorial e inclusiva no Sobrado Dr. José Lourenço em Fortaleza*. Editora da UFPB - João Pessoa.

Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*. Ed.: Martins Fontes. São Paulo.

Foronda, L. (2022). *Possibilidades de aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual nos museus de arte brasileiros*. [Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da Universidade Federal de São Paulo]. Biblioteca de dissertações da USP. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-19102022-122710/publico/DissertacaoLarissaForonda.pdf.

Kastrup, V. (2015). *O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira***.** Vol. 8, nº 3. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência. https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26831.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023). *Pessoas com deficiência. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2022 (PNADc).* Rio de Janeiro. https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102013.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

Lowenfeld, V. (1977). *Desenvolvimento da capacidade criadora.* Trad.: Álvaro Cabral. Ed.: Mestre Jou. São Paulo, 1977.

Masini, E. A. F. S. (1996). *A experiência perceptiva, o corpo e a pessoa deficiente visual.* v. 2, n°1, p. 39-44, Revista Caderno de Psicologia - Sociedade Brasileira de Psicologia. https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/10.

Marcon, C. T. (2021). *Modelo multissensorial desenvolvido por tecnologias 3d para o auxílio na percepção da forma de peças museológicas por pessoas com deficiência visual.* **[**Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Biblioteca de dissertações da UFRGS. Porto Alegre.

Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. Ed.: Martins Fontes. São Paulo.

Arendt, R. J. J & Morais, M. (2011). *Aqui eu sou cego, lá eu sou vidente: modos de ordenar eficiência e deficiência visual.* v. 24, n. 61, p. 109-120, Revista Caderno CRH. Centro de Estudos e Pesquisas e Humanidades - Universidade Federal da Bahia. Salvador.

Nunes, S. M. (2008). *Fazer dança e fazer com dança: perspectivas estéticas para os corpos especiais que dançam.* n°10, Ponto de Vista: Revista de educação e processos inclusivos. Florianópolis.

Rocha, N. S. (2010). *A pessoa cega e suas representações simbólicas*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - Salvador.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.

Mantoan, M. T. E. (2003). *Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?* Editora Moderna, São Paulo.

Somera, N. (2008). *O artista com deficiência no Brasil: arte, inclusão social e campo artístico.* [Dissertação Mestrado – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas]. Biblioteca de dissertações da UEC. Campinas.

Rogof, I. (1998). ***The visual culture reader.*** In: MIRZOEFF, Nicholas (ed.). Londres - Routledge.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Porto, J., Kumm, R., Silva-Fernandes, J.V. (2026), Tocar e ser tocado: Possibilidades de mediações artísticas para pessoas com deficiencia visual. En: http://quadernsanimacio.net nº 43, Enero 2026; ISSN: 1698-4404.

Copyleft: João Porto, Rosely Kumm, João Victor Silva Fernandes.